

Mundo em desalinho

A Era dos Danados

O filósofo e escritor Bernard-Henri Lévy escreve suas reflexões de viagem às muitas guerras nos buracos negros do mundo, rechaça o fim da história e renega o "otimismo indecente". **Por Fernando Eichenberg**

PARIS – Perguntas. Muitas perguntas. Os pontos de interrogação sucedem-se como incessantes erupções pelas centenas de páginas da mais recente obra do filósofo francês Bernard-Henri Lévy, *Réflexions sur la Guerre, le Mal et la Fin de l'Histoire*. As poucas respostas, quando aparecem, na maioria das vezes, são ambíguas, mas as perguntas são peremptórias, perturbadoras, graves, incisivas e multiplicadoras. BHL reuniu três livros em um. Na primeira parte, reproduz uma série de artigos publicados no jornal *Le Monde*, que tiveram origem em cinco viagens reportagens feitas ao longo do ano passado aos conflitos ocorri-

dos em "buracos negros" do planeta: Angola, Burundi, Colômbia, Sri-Lanka e Sudão. A segunda e a terceira partes mesclam reflexões descontínuas sobre a guerra e o fim da história e fragmentos de uma autobiografia. O resultado é uma colcha de retalhos desigual e pungente de testemunhos da barbárie e de questionamentos pessoais e metafísicos. O viajante engajado questiona o filósofo, que, por sua vez, questiona o homem Bernard-Henri Lévy. Sobram perguntas. Muitas.

Suas indagações partem de uma premissa onipresente nas suas ponderações: houve um tempo em que as guerras tinham um sentido.

Guerras justas e injustas, bárbaras, de resistência, de religião ou de liberação nacional. Guerras revolucionárias nas quais "se se lançava ao assalto do céu para construir um mundo novo". Guerras contemporâneas de um marxismo que tinha, entre outras virtudes, diz ele, "a de dar a não importa que guerrilheiro

no do mundo está em jogo", BHL vê cada vez mais numerosos os conflitos que "soltaram a corda que os unia ao universal". Realidades dos tempos modernos como as de Angola, Burundi, Colômbia, Sri-Lanka ou Sudão, nas quais "grandes massas de homens são levadas a guerras sem objetivo, sem implicações ideológicas claras, sem memória, que duram há décadas, sem que se veja uma solução possível".

Como um posfácio trágico, resume: ao horror de morrer, acrescenta-se o horror de morrer por nada. Nas suas andanças por conflitos distantes, o filósofo errante, que há alguns anos chegou a realizar um filme sobre a guerra da Bósnia, confessa não



Em 1995, hutus de Ruanda fogem de campo no Burundi rumo à Tanzânia

ter podido desvencilhar-se de antigos pressupostos ao repetir velhas perguntas: quem são os bons? Quem são os maus? Onde passa a fronteira? Nesse apartheid planetário, ele distingue "guerras necessárias" – guerras com um sentido político que, de certa forma, "as enobrece" – das "feitas sem amor". E refuta a "estetização da guerra".

O conflito no Afeganistão, segundo ele, é, ao menos, compreensível, pois incorpora um sentido, pretende a sustentação de um islamismo moderado e a liberação das mulheres afegãs. Seu alvo são as guerras sem lógica, sem causa, guerras sem fim, às quais o mundo

das ilhas Molucas, do sul da Índia ou do Peru, a segurança, por assim dizer providencial, de que ele não combatia nunca por nada, pois era, mesmo sem saber, parte integrante de um combate mundial".

Esse tempo está acabado, sustenta: "É como se uma grande maré recuasse, deixando, no seu rastro, homens e mulheres, que continuam a lutar, às vezes mesmo com ferocidade redobrada, mas sem que, no seu confronto, se possa ler o traço de promessas, coerências ou epifanias de antanho". À parte algumas guerras ainda portadoras de sentido, como no Oriente Médio, onde ainda distingue a idéia de que "o desti-

permanece indiferente e cujo destino parece não importar à história. O fim da história? “Nunca acreditei nesse *affaire* de fim da história.”

Ele define seu livro como uma tentativa de pensar as novas formas que poderia tomar essa confrontação entre, de um lado, as “terras históricas”, “metrópoles do histórico-mundial”, e, de outro, as “províncias do império”, as “terras periféricas que condenamos a sair lentamente da Era Contemporânea”. Mais do que nunca, depois dos atentados em Nova York, a história está de volta, sustenta, e novamente em movimento. Com a derrocada da União Soviética e do mundo comunista, o Ocidente democrático e liberal pensou que poderia viver sozinho, sem inimigos, num progresso constante em céu de brigadeiro? Ledo engano. A história não se encerrou com o término da Guerra Fria. Depois da Era do Proletário (Marx), da Era do Trabalhador (Jünger), da Era do Refugiado (Hannah Arendt), da Era do Deportado (Solzhenitsyn e Primo Levi), Bernard-Henri Lévy acredita que alcançamos a “Era dos Danados”, dos “buracos negros”, uma certa Era de Restos.

Na sua peregrinação por infernos do planeta, ele renega um “otimismo indecente” e parece cada vez mais afirmar um pessimismo absoluto. No espaço vazio, foi o Mal que se instalou. Ele confessa ter sido, talvez, incapaz de assimilar até o fim essa nova e impensável realidade de “guerras terríveis, sem fé nem lei, não menos estranhas a Clausewitz do que a Hegel, nas quais as vítimas, por não terem a mínima condição de dizer a si mesmas que lutam pelo advento do Iluminismo, pelo triunfo da democracia, pelos direitos humanos ou pela derrota do imperialismo, parecem duplamente condenadas”.

BHL conta, no prefácio, que, no início da tarde de 11 de setembro, estava prestes a colocar o ponto-fi-

nal no seu livro quando o mundo desabou em Nova York. Longe de um Noam Chomsky, ele denuncia um “antiamericanismo primário”, ironiza a “exumação” de Samuel Huntington e evoca sua condição de civil para, ingenuamente, criticar as “reflexões de intelectuais sobre assuntos militares” e abster-se de julgamentos sobre a eficácia ou a continuidade ou não dos bombardeios no Afeganistão. Sua frustração é a de não ter podido ajudar seu amigo comandante Massoud, líder assassinado da Aliança do Norte, a quem dedica um perfil no livro. O autor se contradiz com frequência ao revelar suas três faces de

“Tento ir a lugares do mundo sobre os quais não se fala no telejornal das 20h, contar o que vejo, atrair a atenção para genocídios ocultos”

filósofo, repórter ou simples *globetrotter*, embora assumo a falta de rumo: “Este é um livro de incertezas, de dúvidas”, afirma. Sobre sua vocação para “correspondente de guerra”, justifica: “Tento ir a lugares do mundo sobre os quais não se fala no telejornal das 20h, contar o que vejo, testemunhar e atrair a atenção para genocídios ocultos”.

É mais no seu aspecto “jornalístico” e nas suas linhas autobiográficas do que nas reflexões filosóficas e na análise política que está o mérito e a coerência do livro. Ao estilo do agitador e ativista Jean-Paul Sartre ou do jornalista da revolução iraniana Michel Foucault, BHL ambiciona não apenas refletir sobre

os acontecimentos como também se misturar a eles. “Sempre pensei que, quando se tem o privilégio de viver várias vidas, seria estúpido resignar-se a viver apenas uma. Em Paris, no meio literário de Saint-Germain-des-Près, eu me entediava. Não faço jornalismo para esquecer meus próprios demônios, mas, ao contrário, para ir ao encontro deles. Frequentemente, os escritores crêem que, quando estão no seu quarto, estão face a face com seus demônios e saem à rua para se separar de si mesmos. Para mim, é o contrário”, disse numa recente entrevista. O que mudou desde que ele começou a percorrer o planeta no começo dos anos 70? Antes, sua motivação era política. Hoje, é literária. O viajante engajado sonha em fabricar uma comédia humana: “Um dia escreverei romances de tudo isso”.

Sobre 11 de setembro, suas perguntas não cessaram. “Éramos todos americanos? Sim. Mas todos, também, angolanos, burundineses, sudaneses, colombianos ou cingaleses. Vi a humanidade ocidental ser alcançada por todos esses mortos-vivos que ela não quis conhecer nem ouvir.” Entre esses condenados de tantas guerras esquecidas, não haverá, pergunta ele, outros camisas que virão dizer às nações: “Vocês nos ignoraram vivos, e cá estamos mortos; vocês nada quiseram saber desta morte enquanto ela se produzia somente entre nós; nós a jogamos a seus pés, no braseiro que os consome; nós éramos vivos invisíveis, nós nos tornaremos suicidas visíveis”? Bernard-Henri Lévy responde: “São questões. Eu não sei”. Pelo menos nesse caso, como ele, hoje, ninguém parece estar em condições de saber.

• *Réflexions sur la Guerre, le Mal et la Fin de l'Histoire*, de Bernard-Henri Lévy, Ed. Grasset, 407 págs., 17,99 euros